



**Constância
e permanência - as mulheres
de um bairro da periferia
de São Paulo**

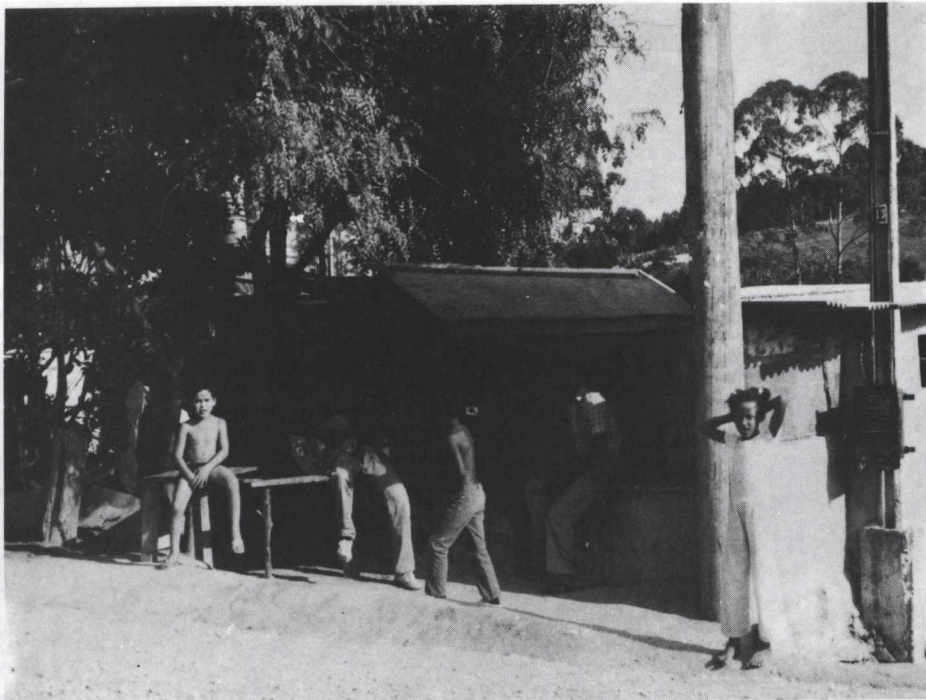
Sylvia Leser de Mello¹

Não é pequena a responsabilidade do pesquisador que se propõe a escrever sobre um bairro popular da periferia de São Paulo, por mais que o conheça há muitos anos. É responsável pela imagem que vai projetar de alguma coisa que conhece, não é a sua experiência pessoal de vida, mas é a vida de outras pessoas. O seu trabalho, portanto, deve ser bastante preciso. Deve evitar a excessiva subjetividade, especialmente os preconceitos oriundos de sua classe, tentando, ao mesmo tempo, reconstruir, pela palavra, a riqueza e a variedade constituintes da vida coletiva que está descrevendo.

Tomar um bairro como unidade de análise envolve, também, complicações de ordem conceitual: o que é precisamente um bairro?

O BAIRRO: A VILA HELENA

A resposta que posso oferecer a esta questão é mais interpretativa do que conclusiva, ao procurar aproximar-se de um problema que envolve a "fixação" de pessoas no imenso tecido urbano, quando nem as pessoas são "fixas", mas movimentam-se todo o tempo, e a urbe também se modifica permanentemente. Desse modo a resposta não é apenas geográfica ou administrativa. Ela tem que buscar sua substância maior no âmbito das relações dos indivíduos com a coletividade próxima, no lugar que habitam, compreendendo o espaço físico onde estas relações ocorrem e, sobretudo, a sua transformação num espaço significativo, a apropriação humana desse espaço. H. Lefebvre refere-se assim a essa noção: "Não se trata absolutamente de propriedade; trata-se mesmo de alguma coisa de todo diversa; trata-se do processo pelo qual um indivíduo ou um grupo se apropria, transforma num bem próprio alguma coisa exterior, de tal modo que podemos falar de um tempo ou de um espaço urbano apropriado pelo grupo que deu forma à cidade." (1) Referindo-se estritamente a um bairro popular, a Vila Helena, no município de Carapicuíba, na Grande São Paulo, a imagem que a noção de apropriação evoca é muito adequada. Corresponde aos grupos e famílias de migrantes que vão chegando, construindo paulatinamente suas casas, dotando o bairro de uma igreja, pequenos armazéns, vendinhas, a escola que se instala e a obtenção de benefícios urbanos, como a luz elétrica, cuja instalação inicial eles pagaram, e a água encanada. Corresponde,



mais ainda, à formação dos laços de amizade, à definição de alguns papéis no bairro, ao estabelecimento de hábitos e, acima de tudo, à formação de uma densa atmosfera de humanidade que impregna todos os lugares da Vila. Há pouco mais de vinte anos este bairro era um loteamento popular igual aos outros, uma área devastada pelas máquinas, que destróem toda a cobertura vegetal, deixando em seu lugar um deserto de terra. Desde então o bairro vem sendo construído pelos seus habitantes, migrantes mineiros, na sua grande maioria, apresentando hoje uma feição peculiar, aspectos únicos e próprios, uma identidade. Talvez pelo fato de ser um bairro pequeno, cercado por bairros de classe média alta, a Vila Helena permite uma observação do conjunto, tanto do conjunto físico quanto do humano, o que constitui, para o pesquisador, um rico veio para a compreensão do modo de vida das camadas populares.

Composta de oito ruas, a Vila é a encosta de um morro. Na base do morro estão terrenos alagadiços que hoje abrigam favelas. A parte mais íngreme da encosta, não loteada, também foi tomada pelos barracos. A Vila já possui algumas casas grandes, bem acabadas, de dois andares. De resto, são as construções comuns aos bairros populares, de lotes pequenos, casinhas de blocos, cobertas com lajes, sem pintura e sem acabamento externo, o que dá às construções do bairro uma cor cinzenta, desbotada. O bairro não tem para o observador, um aspecto bonito, com as

ruas esburacadas e cheias de mato. Os lotes nada possuem além das casas construídas. São raras as árvores ou outros vegetais deliberadamente plantados. As casas resumem o esforço dos habitantes como se o resto, o que fica de fora, as escadas ou calçadas, fosse acessório desnecessário. Às vezes, é difícil chegar até as casas, tanto pelas ruas em declive e muito escorregadias, como pelas entradas nos terrenos, também em declive, com simulacros de degraus escavados na terra. Em tempo de chuva o aspecto da Vila piora demais porque as águas servidas, que correm em pequenas valetas pelas ruas, misturam-se ao barro e às enxurradas. A rua principal da Vila foi asfaltada há dois anos, juntamente com a instalação de dois outros benefícios: um posto de saúde e uma pré-escola mantidos pela prefeitura. Essas melhorias resultaram da luta árdua de um grupo de mulheres que liderou um movimento pela pré-escola, sendo apoiado pela Sociedade dos Amigos do Bairro. Agora, um outro movimento, liderado pela CEB local, está urbanizando uma das favelas, dividindo os terrenos já ocupados. A prefeitura fornece o material necessário para a construção de dois cômodos e a população, em contraparte, em regime de mutirão, ergue as casinhas.

A primeira impressão que se tem das ruas da Vila é de intenso movimento. Aqui estamos longe daquelas ruas dos bairros abastados, verdadeiros corredores de carros, onde nunca há ninguém na rua, ou apenas os passantes eventuais. Na Vila é

comum a sociabilidade de rua não só porque anda-se a pé, mas porque há um só mercadinho, um posto de saúde, uma escola, uma única linha de ônibus, um só orelhão e uma rua principal, dando acesso de ida e vinda ao bairro. A exigüidade dos terrenos e das casas colocam as pessoas, também, virtualmente na rua. Alguns afazeres domésticos, como lavar a roupa e pendurá-la, põem as mulheres quase na rua. É comum encontrar as panelas de alumínio, muito areadas e brilhando, expostas ao sol do lado de fora das casas. Outro forte laço de ligação entre as casas, as pessoas e as ruas é o trânsito constante das crianças entre esses locais. As ruas, estão sempre vivas, com as pessoas prontas ao encontro, à conversa, quando se cruzam e recruzam. A Vila é um coletivo.

No entanto, a descrição que os habitantes fazem do seu bairro é diversa da minha. Eles falam com orgulho do progresso, da urbanização crescente: do asfalto, da água encanada, da iluminação de rua, do orelhão, da escola, do posto de saúde, do ônibus que agora atravessa o bairro. Tudo isto vem facilitar enormemente a vida diária, sempre sobrecarregada. E cada casa construída, cada "cômodo" que acrescentam à casa original, cada pequena melhoria é sempre festejada com orgulho, porque é mais um fruto do trabalho de suas mãos. E como, em geral, as construções são feitas em mutirão, cada casinha representa a vitória do povo da Vila sobre circunstâncias adversas e significa, ao mesmo tempo, o esteio de relações de companheirismo e de amizade.

Mas a Vila é mais do que os seus prédios, suas benfeitorias, suas ruas. Ao construir o bairro os habitantes construíram uma história, com situações e personagens com os quais podem se identificar, um mundo próprio para a habitação dos homens, um mundo de relações simbólicas, carregado de afeto.

O BAIRRO E SEUS HABITANTES

Um bairro como a Vila Helena é uma fonte muito concreta de acesso à vida dos migrantes na metrópole. Quando o trabalho é esvaziado de significação e não se reveste de afeto, a humanidade do trabalhador afirma-se nas relações que se dão fora do trabalho e ganham primazia os laços familiares, de amizade, e vizinhança. Da alegria dos casamentos, de nascimentos à tristeza da doença e da morte, o festejo e o pranto acontecem nos limites do bairro. Não é possível, portanto, de uma perspectiva psico-social, aceitar a denominação de

"bairro-dormitório" para um local que mostra uma exuberância tão grande nas manifestações de vida. Deve-se recusar a implicação, presente nessa terminologia, de um trabalhador mecânico, esgotando sua essência no trabalho. Ao contrário, deve-se acentuar o fato de que o **trabalhador é humano** e quando sua vida está fragmentada entre a casa e o trabalho a maior parte de sua vida emocional concentra-se no local de moradia. As pessoas **vivem** na Vila, embora passem a maior parte de seu tempo fora dela. É no espaço familiar do bairro que desenvolvem uma sociabilidade espontânea e envolvem que é, para o observador, intensa e calorosa. Também é no bairro que se vão recuperando velhos hábitos e costumes da terra de origem, tradições que são retomadas, desde as festas-religiosas até o recurso às práticas curativas que vêm do campo. Também é no bairro que se reconstróem as relações, quer de parentesco quer de amizade, rompidas pela migração e, agora, moldadas pelas exigências da cidade. Os bairros populares, como a Vila, construídos por migrantes, são semi-urbanos. Primeiro, porque estão distantes das zonas mais antigas e mais urbanizadas da cidade, as zonas "modernas" de serviços ou comércio sofisticado. Depois, porque de fato a construção dos bairros foi obra dos migrantes, surgida de sua experiência anterior, de sua pobreza material e de uma vivência muito especial da metrópole. Não podemos esquecer que à violência da migração alia-se, na cidade, a violência da exclusão. Esses bairros afastados, onde acabaram por se depositar as esperanças de uma vida melhor, são, ao mesmo tempo, a inclusão possível dos migrantes na vida da urbe e a sua exclusão. Mas, alheios em grande parte a essa exclusão, os migrantes vão processando a sua adaptação à cidade. A Vila foi o solo positivo para a assimilação de hábitos e costumes urbanos e o transplante de usos e costumes rurais para a cidade.

Mas quem são e como são esses protagonistas da fusão e transfusão cultural? A sua pobreza é evidente na precariedade das construções do bairro e se torna mais evidente quando consideramos o tipo de trabalho que realizam: são trabalhadores da construção civil, empregadas domésticas e trabalhadores que a prática tornou profissionais, como eletricitistas, carpinteiros, encanadores, pintores. Dentre eles são poucos os que possuem vínculos empregatícios legalmente válidos. De modo geral pegam um serviço aqui, outro ali, sem patrão e sem garantia alguma, sem carteira assinada, sem direitos e sem es-

tabilidade. A vida das famílias é marcada por essa instabilidade dos empregos e pela instabilidade econômica que a acompanha. Não são miseráveis mas vivem próximos da miséria, empurrando-a dia-a-dia com o seu trabalho. Uma doença, um acidente, a morte de um adulto da família pode romper o frágil equilíbrio entre a pobreza e a miséria. E se acrescentarmos a esse quadro o abandono institucional que caracteriza a relação das classes dominantes com as dominadas no país, é possível prever, que faz parte do processo de adaptação dos migrantes, a formação de redes informais de sustentação mútua, para momentos de necessidade mais aguda. E esses momentos são muito mais frequentes do que se possa imaginar: uma doença infantil, o desemprego, a chegada de um parente ainda mais pobre, enfim, qualquer pequena coisa pode representar a diferença entre a comida e a fome. Não sei se é possível falar de solidariedade como um dos mais fortes sentimentos do povo da Vila. Creio que esse sentimento é mais o conhecimento da verdadeira **dimensão da carência**. Ou seja, os sentimentos de solidariedade são fruto de uma experiência concreta de ajuda. São sentimentos que nascem da vivência comum de desamparo e de necessidades vitais minimamente supridas. A solidariedade não é sentimental e nem se manifesta com alarde. É calada e dura como a vida que levam.

AS MULHERES NO BAIRRO

Se fosse necessário escolher um símbolo para representar a Vila e a luta cotidiana de seus habitantes, certamente a mulher seria o símbolo mais expressivo e o mais profundo. A mulher das classes

Sylvia L. Mello



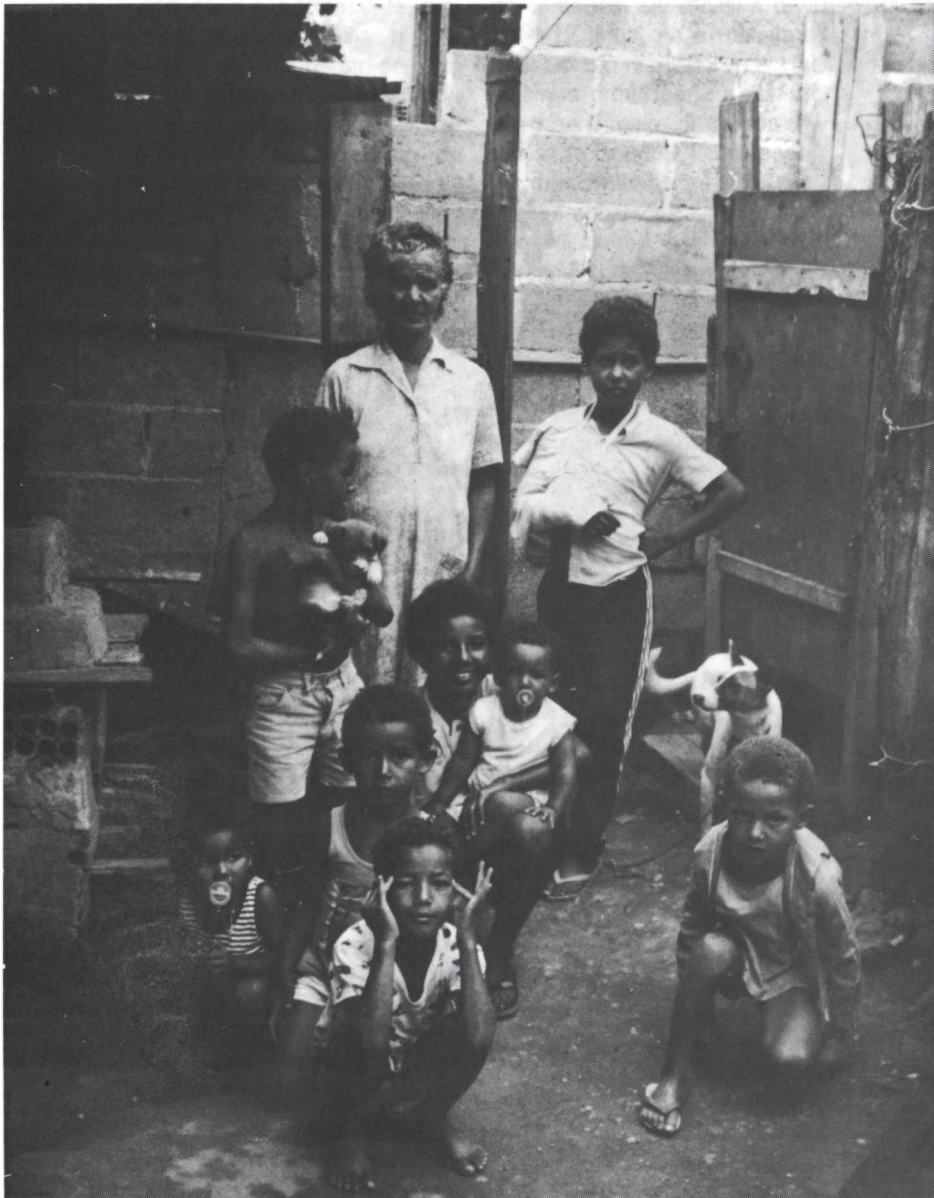


populares é um elemento vital para a sobrevivência desempenhando, para uma população exposta a circunstâncias de vida tão desfavoráveis, o papel da permanência e da constância. Algumas, as mais idosas, têm uma viva lembrança da migração porque para elas a mudança foi mais radical. Grande parte do seu saber, como trabalhadoras rurais ou donas de casa e mães de família, tomou-se inútil na cidade, onde se exige, em compensação, um saber escolar que elas não possuem. Na Vila, as mulheres mais velhas constituem uma categoria muito especial de pessoas, pois representam a ponte viva entre a vida rural e a vida urbana. Elas possuem, como contra-ponto à vida da cidade, a memória do trabalho feminino e da vida no campo. Muitas delas plantaram, colheram, fiaram e teceram o algodão para vestir a família. O cuidado dos filhos, que se sucediam a ca-

da ano, não podia tolher suas atividades produtivas na roça senão por alguns dias. Elas recordam uma grande variedade de tarefas propriamente domésticas, como apanhar lenha, pegar água no rio, pilar o arroz para o consumo da casa, torrar o café, fazer a farinha e outras tantas. O conhecimento delas é inútil na cidade, onde se compra o arroz limpo e a farinha ensacada. Não que aqui elas não trabalhem. Elas trabalham e muito. Mas a ausência de certas habilidades, e de algum desembaraço, torna-as reclusas, pois têm dificuldades para sair do âmbito do bairro. Seu papel mais importante é preservar a tradição, fazendo mesinhas, benzendo e curando. Um pouco desse conhecimento ancestral da gente pobre do campo vai ficando, misturado à medicina da cidade. As práticas de economia doméstica, os recursos para fazer face à inevitável escassez de

alimentos, não são iguais àquelas da roça pois aqui não há caça e nem se pode recorrer aos legumes da horta e aos ovos e galinhas da capoeira. Mas a regulação da escassez é prática necessária, aqui como lá, e a sabedoria da sua administração é uma herança cultural preciosa. Talvez seja possível pensar que nunca houve, para essas mulheres mais idosas, uma reconstrução cultural acabada e que nunca puderam costurar os fragmentos daquela vida nesta outra vida daqui.

As mulheres que vieram para São Paulo ainda jovens têm uma experiência diferente da cidade. Aqui se casaram, tiveram seus filhos. Qualquer que seja o seu trabalho elas são, quase sem exceções, alfabetizadas, tendo condições de identificar-se com os hábitos e costumes urbanos. São desembaraçadas, vencendo o confinamento ao âmbito doméstico e aos



limites do bairro, têm noções mais claras dos seus direitos e, sobretudo, foram acostumadas aos padrões da economia do dinheiro: salário e consumo. A sua experiência de migrantes já foi filtrada pela vida na cidade; têm que conviver com instituições de saúde e escolares, com órgãos da administração pública, convivem com as patroas e com os costumes das casas onde vão trabalhar. Essas mulheres têm já raízes firmes na cidade e realizam plenamente a fusão cultural que suas mães não puderam realizar.

As filhas destas mulheres já são paulistas, nasceram e cresceram no mundo urbano. Nada conhecem da vida rural e compartilham com milhões de outras pessoas o que poderíamos chamar de "cultura da periferia", que já não é apenas uma questão dos migrantes mas sim de classe

social. Nesse sentido, mesmo considerando as diferenças de costume, há uma continuidade essencial entre as experiências de vida das mulheres mais velhas, que nasceram e viveram na roça até à meia idade, e suas netas, que aqui nasceram e se criaram. Essa unidade básica é assegurada pela classe social a que pertencem. A miséria ronda suas casas lá como aqui, e se os homens se transmutaram em pedreiros e as mulheres em empregadas domésticas, é o mesmo serviço pesado, desqualificado e mal remunerado, que exige deles sempre as suas melhores forças.

No limite da sobrevivência, sob o império da dura necessidade, a presença das mulheres na Vila é poderosa. Presas desde pequeninas ao lado obscuro da vida, onde se dão os rituais do corpo e de sua manu-

tenção — reprodução, alimentação — as mulheres estão entregues às responsabilidades de manutenção da existência. Não é por acaso que é comum a mulher sozinha, chefe de família, com filhos, às vezes, de mais de um homem. As mulheres, apegadas aos filhos, possuem uma qualidade de raiz, aquela que sustenta, que dá força, de onde brota a vida nova. Possuem uma extraordinária capacidade de resistência a situações violentas, enfrentando o abandono, o alcoolismo e a agressividade dos homens. Essa teimosia em sobreviver e defender a prole encontra sua expressão no trabalho. "Trabalhar é viver. Viver é trabalhar. As coisas para elas se confundem, são uma só. Viver o dia de amanhã depende da labuta do dia de hoje, verdade tão profundamente introjetada que elas não elaboram nem mesmo fantasias a esse respeito. Porque trabalhar é mais do que sobreviver: de certo modo é colocar as coisas no lugar, arrumar o mundo, dar ordem nas circunstâncias que, de outra maneira, seriam devastadoras." (2) É no dia-a-dia que as mulheres ordenam os acontecimentos, no trabalho miúdo da casa e na duplicação assalariada desse trabalho em casas alheias. É do dia-a-dia, e da premência que caracteriza esse presente, que as mulheres retiram sua força: a comida de hoje não pode ser feita amanhã, a doença infantil exige ação imediata. Tudo é urgente no cotidiano, e tudo é necessário. A luta surda e teimosa pela sobrevivência é o fardo compartilhado dos homens e das mulheres da Vila. Mas, certamente, o símbolo dessa luta é a mulher, e sua única e profunda ligação com os filhos. Do mesmo solo de onde retiram a disposição para a batalha diária retiram, também, a capacidade de sonhar e esperar. Se as crianças representam o motivo mais poderoso para o afã penoso do presente, elas representam também o futuro. É em nome das crianças, e de uma vida melhor para elas, que as mulheres da Vila se permitem o desejo e a esperança.

*Professora de Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

BIBLIOGRAFIA

- LEFEBVRE, Henri. "Du Rural à l'Urbain", Paris, Anthropos, 1970, p. 198.
 MELLO, Sylvia Leser de. "Trabalho e Sobrevivência — Mulheres do Campo e da Periferia de São Paulo", São Paulo, Ática, 1988, p. 168.